

O papel da enfermagem contra a violência psicológica na vida das mulheres

The role of nursing against psychological violence in women's lives

El papel de la enfermería frente a la violencia psicológica en la vida de las mujeres

Recebido: 21/11/2024 | Revisado: 25/11/2024 | Aceitado: 26/11/2024 | Publicado: 29/11/2024

Pabloena da Silva Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1027-1224>
Centro Universitário Fametro, Brasil
E-mail: pabloena.pereira@fatecamazonia.com.br

Adriano Dos Santos Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6528-7020>
Centro Universitário Fametro, Brasil
E-mail: adriano.oliveira@fametro.edu.br

Antônia Jaís Alves da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2974-5088>
Centro Universitário Fametro, Brasil
E-mail: antoniajais78012@gmail.com

Bety da Silva Turibi

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6720-0314>
Centro Universitário Fametro, Brasil
E-mail: betymuniz34@gmail.com

Dielen do Nascimento de Aguiar

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4077-7985>
Centro Universitário Fametro, Brasil
E-mail: dielenaguiar2016@gmail.com

Luzia de Guadalupe Batista da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9328-3324>
Centro Universitário Fametro, Brasil
E-mail: silvalupy495@gmail.com

Sthefany Emily Mourão Furtado

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7781-4235>
Centro Universitário Fametro, Brasil
E-mail: sthefanyfurtado18@gmail.com

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar como os profissionais de enfermagem podem aprimorar suas práticas para enfrentar a violência psicológica contra as mulheres, explorando as dimensões científicas, sociais e pessoais dessa atuação. Uma revisão sistemática foi realizada a fim de avaliar a magnitude da associação entre os tipos de violência por parceiros íntimos (PIV) e resultados de saúde mental e lançar luz sobre a grande variação nas taxas de prevalência de PIV em mulheres. O estudo é uma revisão sistemática e meta-análise. Os seguintes bancos de dados foram pesquisados para este estudo: Cochrane, MEDLINE, EMBASE, PsycINFO, PubMed e Literatura de Saúde Aliada e Índice e Resumos de Ciências Sociais Aplicadas. Os critérios de inclusão para este estudo são os seguintes: estudos quantitativos publicados de 2019 a 2024 sobre a exposição à VIP em mulheres com mais de 16 anos, usando medidas validadas e o papel da enfermagem no atendimento a vítima psicológica. Com isso, conclui-se que Profissionais de enfermagem podem atuar como vozes ativas na defesa dos direitos das mulheres, contribuindo para mudanças estruturais e legislações mais protetivas. Dessa forma, a enfermagem se consolida não apenas como uma profissão de cuidado, mas como uma força ativa na construção de uma sociedade mais justa, segura e acolhedora para as mulheres que sofrem com a violência psicológica.

Palavras-chave: Enfermagem; Violência; Psicológica; Mulheres.

Abstract

This study aims to analyze how nursing professionals can improve their practices to cope with psychological violence against women, exploring the scientific, social, and personal dimensions of this action. A systematic review was conducted to assess the magnitude of the association between types of intimate partner violence (IPV) and mental health outcomes and to shed light on the wide variation in prevalence rates of IPV in women. The study is a systematic review and meta-analysis. The following databases were searched for in this study: Cochrane, MEDLINE, EMBASE, PsycINFO, PubMed, and Allied Health Literature, as well as Applied Social Science Index and Abstracts. The inclusion criteria for this study are as follows: quantitative studies published from 2019 to 2024 on exposure to IPV in women over 16 years of age, using validated measures and the role of nursing in psychological victim care.

Thus, it is concluded that nursing professionals can act as active voices in defending women's rights, contributing to structural changes and more protective legislation. In this way, nursing consolidates itself not only as a care profession but as an active force in the construction of a fairer, safer, and more welcoming society for women who suffer from psychological violence.

Keywords: Nursing; Violence; Psychological; Women.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo analizar cómo los profesionales de enfermería pueden mejorar sus prácticas para enfrentar la violencia psicológica contra las mujeres, explorando las dimensiones científicas, sociales y personales de esta acción. Se realizó una revisión sistemática para evaluar la magnitud de la asociación entre los tipos de violencia de pareja (PIV) y los resultados de salud mental y para arrojar luz sobre la amplia variación en las tasas de prevalencia de PIV en las mujeres. El estudio es una revisión sistemática y meta-análisis. Se realizaron búsquedas en las siguientes bases de datos: Cochrane, MEDLINE, EMBASE, PsycINFO, PubMed, and Allied Health Literature, y Applied Social Science Index and Abstracts. Los criterios de inclusión para este estudio son los siguientes: estudios cuantitativos publicados entre 2019 y 2024 sobre la exposición a la violencia de pareja en mujeres mayores de 16 años, utilizando medidas validadas y el papel de la enfermería en la atención psicológica a las víctimas. Así, se concluye que los profesionales de enfermería pueden actuar como voces activas en la defensa de los derechos de las mujeres, contribuyendo a cambios estructurales y a una legislación más protectora. De esta manera, la enfermería se consolida no solo como una profesión de cuidado, sino como una fuerza activa en la construcción de una sociedad más justa, segura y acogedora para las mujeres que sufren violencia psicológica.

Palabras clave: Enfermería; Violencia; Psicológico; Mujeres.

1. Introdução

A violência psicológica é um fenômeno grave e frequentemente invisível que afeta a saúde mental e o bem-estar das mulheres. Definida como qualquer comportamento que causam danos psicológicos, como ameaças, humilhações e controle coercitivo, essa forma de violência pode ser tão prejudicial quanto a violência física, comprometendo a autoestima, a saúde mental e a qualidade de vida das vítimas (Kassinove & Follette, 2021).

O advento da Lei n. 11.340/2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, o tema foi ganhando espaço e visibilidade. Essa lei, que é o principal dispositivo da legislação brasileira de enfrentamento à violência contra a mulher, conceitua no artigo 7º e incisos os tipos de violência doméstica, conforme a seguir: *“II. violência psicológica, conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões.”*

Embora seja menos visível do que a violência física, seus efeitos são profundos e duradouros frequentemente levando a transtornos mentais como depressão, ansiedade e estresse pós-traumático (Jansen et al., 2023). Dados epidemiológicos recentes demonstram a prevalência alarmante da violência psicológica. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), aproximadamente 40% das mulheres relataram ter experimentado violência psicológica em algum momento de suas vidas, este dado destaca a urgência de intervenções eficazes e sistemas de suporte para as vítimas.

Em 2021, 3.858 mulheres foram vítimas de mortes violentas no Brasil, o que equivale a mais de 10 mortes por dia, destacando as mulheres como um dos grupos mais afetados pela violência no cotidiano do país. Durante o período da pandemia, entre 2020 e 2021, foram registradas 7.691 mortes femininas no Brasil. Destas, estima-se que 745 mulheres, vítimas de agressões, foram classificadas como Mortes Violentas com Causa Indeterminada. Segundo a edição de 2023 do Relatório Atlas da Violência, enquanto a taxa geral de homicídios no Brasil apresentou queda, a de homicídios femininos aumentou 0,3% entre 2020 e 2021. Em muitos desses casos, armas de fogo foram utilizadas, sendo responsáveis por metade dos feminicídios registrados entre 2012 e 2020 (Cerqueira & Bueno, 2024).

As mulheres negras representam 67,4% do total de assassinatos femininos ocorridos em 2021, com uma taxa de 4,3 homicídios para cada 100 mil mulheres, o que indica um risco 1,8% maior de sofrerem violência letal em comparação às mulheres não negras. O Espírito Santo se destaca entre os estados com as maiores taxas de feminicídio no Brasil e ocupa a segunda posição no ranking nacional de aumento no porte de armas de fogo, conforme dados do Fórum Brasileiro de

Segurança Pública (2023).

Diante dessas informações os enfermeiros e enfermeiras estão frequentemente na linha de frente dos serviços de saúde, o que os coloca em uma posição estratégica para reconhecer sinais de abuso, oferecer suporte e encaminhar as vítimas para os serviços apropriados. A atuação dos enfermeiros não se limita ao atendimento direto; ela também inclui a educação e a sensibilização sobre a violência psicológica, promovendo uma abordagem mais ampla e integrada para a prevenção e tratamento (Costa & Silva, 2024).

A violência psicológica contra as mulheres é frequentemente invisibilizada devido à dificuldade de identificação, à falta de protocolos específicos e ao estigma que impede muitas vítimas de buscar ajuda. Nesse contexto, os profissionais de enfermagem, que estão na linha de frente do cuidado em saúde, enfrentam o desafio de reconhecer os sinais dessa violência, acolher as vítimas e implementar ações eficazes de suporte e prevenção. Contudo, muitas vezes, esses profissionais não possuem a formação ou os recursos necessários para lidar com essa questão de maneira adequada e transformadora. Diante disso, levanta-se um questionamento da problemática: Como a enfermagem pode identificar e atuar de forma efetiva na prevenção, acolhimento e acompanhamento de mulheres vítimas de violência psicológica, contribuindo para a quebra do ciclo de violência?

A justificativa social está embasada pela subnotificação e a falta de reconhecimento dessa forma de abuso são barreiras significativas, com muitas mulheres não procurando ajuda devido à normalização do comportamento abusivo ou ao estigma associado. No contexto da saúde, os profissionais de enfermagem desempenham um papel fundamental na identificação e intervenção contra a violência psicológica. Além disso, estudos indicam que ela pode ser tão ou mais prejudicial que outros tipos de violência, aumentando o risco de transtornos mentais, como ansiedade e depressão, e até mesmo o desenvolvimento de condições crônicas de saúde. A enfermagem, com seu foco na promoção da saúde e prevenção de doenças, tem um papel essencial na abordagem dessa problemática (Moura et al., 2023).

Cientificamente justifica-se que a atuação da enfermagem contra a violência psicológica pode ser embasada em práticas baseadas em evidências que promovam o acolhimento, a comunicação empática e a implementação de protocolos específicos de atendimento. Investir em estudos e intervenções que fortaleçam o papel da enfermagem nessa área é crucial para compreender melhor os impactos da violência psicológica e elaborar estratégias efetivas de enfrentamento.

Diante disso, esta pesquisa também se justifica em mostrar que a violência psicológica contra as mulheres é um grave problema social que afeta milhões de pessoas em todo o mundo. Esse tipo de violência, caracterizado por comportamentos como humilhações, manipulação, isolamento e ameaças, impacta profundamente a saúde mental e emocional das vítimas, comprometendo sua autoestima, autonomia e qualidade de vida. No contexto atual, onde busca-se igualdade de gênero e proteção aos direitos humanos, é essencial que as instituições de saúde e os profissionais, como os da enfermagem, desempenhem um papel ativo no combate a essa violência. A enfermagem, como profissão de cuidado integral, está em posição estratégica para identificar sinais de violência psicológica, oferecer suporte às vítimas e promover ações educativas que visem à conscientização e à prevenção, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Este estudo tem como objetivo analisar como os profissionais de enfermagem podem aprimorar suas práticas para enfrentar a violência psicológica contra as mulheres, explorando as dimensões científicas, sociais e pessoais dessa atuação.

2. Metodologia

A metodologia científica é importante para que os estudos tenham reprodutibilidade, sigam normas, padrões e boas práticas bem como tenham uma classificação que permitam os leitores identificar o tipo de estudo realizado. Na presente investigação foi realizada uma revisão da literatura, descritiva (Pereira et al., 2018), para avaliar a extensão da associação entre diferentes tipos de violência, especialmente a violência psicológica por parceiros íntimos (VPI), e os impactos na saúde mental,

além de analisar a ampla variação nas taxas de prevalência de VPI em mulheres. A revisão é sistemática integrativa (Crossetti, 2012) oferece aos profissionais informações científicas relevantes sobre um tema ou problema, reunindo artigos científicos com desenhos primários ou secundários, de qualquer nível da pirâmide de evidência científica. Isso possibilita a formulação de uma conclusão abrangente sobre o assunto (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

A metodologia de Revisões Sistemáticas deve ser apresentada com o máximo de detalhes possível, permitindo que os usuários avaliem a confiabilidade e aplicabilidade dos resultados (Page et al., 2021). Nesse contexto, a declaração Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) oferece diretrizes atualizadas para auxiliar autores a descrever suas revisões de maneira clara, transparente e detalhada, facilitando sua reprodutibilidade (Rethlefsen; Page, 2022).

A construção de uma boa pergunta para o desenho desse tipo de estudo utiliza a estratégia PICO, na qual "P" refere-se ao paciente ou população, "I" à intervenção, "C" à comparação ou controle e "O" ao desfecho ou resultado (Ercole; Melo; Alcoforado, 2014). Após a seleção dos artigos, são aplicados instrumentos para avaliar a qualidade metodológica de cada trabalho. Para cada tipo de metodologia analisada, existem escalas específicas que permitem avaliar o risco de viés (HIGGINS et al., 2022).

Os seguintes bancos de dados foram pesquisados para este estudo: Cochrane, MEDLINE, EMBASE, PsycINFO, PubMed e Literatura de Saúde Aliada e Índice e Resumos de Ciências Sociais Aplicadas. No mais, meta-análises de efeitos aleatórios e análises de subgrupos explorando heterogeneidade entre grupos populacionais em diferentes contextos econômicos são usadas neste estudo.

Os descritores utilizados no estudo foram: Enfermagem. Violência. Psicológica. Mulheres.

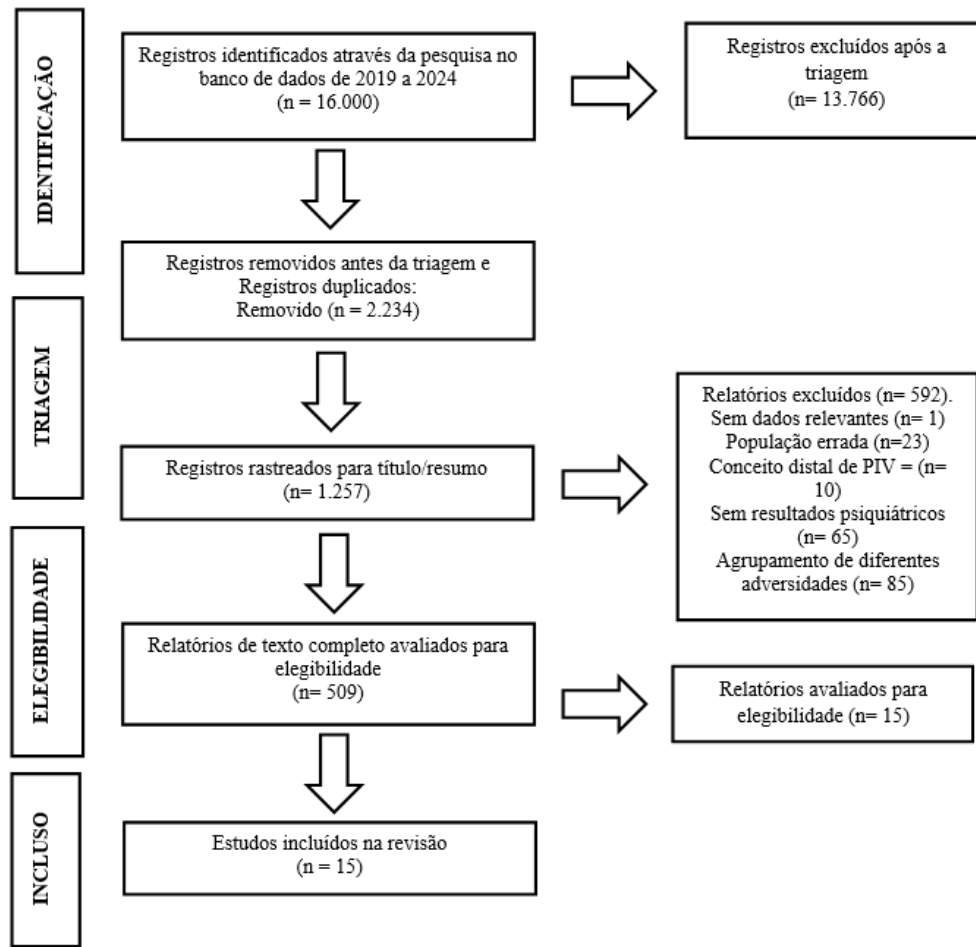
Os critérios de inclusão para a pesquisa, levaram em conta artigos científicos que tratassem diretamente da intervenção da enfermagem no cenário da violência psicológica contra as mulheres, artigos publicados no período de 2019 a 2024. Incluíram-se pesquisas quantitativas e qualitativas divulgadas em português, inglês ou espanhol, abrangendo mulheres com mais de 16 anos. Também foram levados em conta estudos que fornecessem informações pertinentes sobre a incidência e as consequências dessa violência, enfatizando as estratégias de cuidado ou suporte implementadas pela enfermagem. Esta delimitação de tempo teve como objetivo assegurar a atualidade das evidências e sua pertinência para a prática contemporânea.

Os critérios de exclusão para o estudo sobre "O papel da enfermagem contra a violência psicológica na vida das mulheres" consideram artigos que não abordam diretamente a atuação da enfermagem, estudos que tratem exclusivamente de outros tipos de violência (como física ou sexual) sem menção à violência psicológica, ou ainda pesquisas que envolvam populações diferentes, como homens, crianças e adolescentes, sem enfoque específico nas mulheres. Também foram descartados artigos não científicos, como editoriais e cartas ao editor, bem como trabalhos que não se enquadrem no prazo estipulado para análise, textos que não estejam disponíveis em português, inglês ou espanhol, e textos cuja metodologia ou dados não sejam suficientemente claros para assegurar sua pertinência e confiabilidade.

3. Resultados e Discussão

Desta forma, um total de 15 artigos atenderam aos critérios de elegibilidade para a presente revisão de literatura, sendo exemplificados no (Figura 1).

Figura 1 – Etapas e Estratégias de Busca de Obras a partir da Meta-Análise.



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

A seguir, apresenta-se o Quadro 1, que contém o corpus da pesquisa, ou seja, o material bibliográfico selecionado para ser analisado e discutido.

Quadro 1 - Principais estudos selecionados: O papel da enfermagem contra a violência psicológica na vida das mulheres.

Nº	Autor/Ano	Título	Objetivo	Revista
1	Carvalho et al., (2024)	A prática da enfermagem frente à violência psicológica: Desafios e oportunidades	Identificar na literatura dados e informações que auxiliem o profissional de enfermagem a prestar uma assistência adequada para as mulheres vítimas de violência sexual	Journal of Nursing Science
2	Costa & Silva (2024)	Enfermagem e violência psicológica: uma revisão crítica	Identificar a relevância da qualificação e do impacto da assistência de enfermagem, frente às vítimas de agressões domésticas, baseando-se no conhecimento do enfermeiro referente aos aspectos éticos e legais do cuidado	Brazilian Journal of Nursing
3	Freitas et al., (2023)	Capacitação de enfermeiros no manejo da violência psicológica	Compreender os significados atribuídos por profissionais que atuam na estratégia de saúde da família sobre a capacitação profissional para o cuidado à mulher em situação de violência conjugal	Nursing Practice Today

4	Xavier & Silva (2019)	Assistência de enfermagem no atendimento de mulheres em situação de violência na atenção básica	Identificar as ações desenvolvidas para o atendimento de mulheres em situação de violência e reconhecer os tipos de violências contra as mulheres atendidas na atenção básica	Rev. Inic. Cient. Ext.
5	Persilva et al., (2023)	O papel da enfermagem perante a violência psicológica contra a mulher	Abordar o papel da enfermagem no enfrentamento da violência psicológica contra as mulheres, abordar as estratégias de enfrentamento, os sinais clássicos desse tipo de violência	Revista de trabalhos acadêmicos–Universo Belo Horizonte
6	Oliveira et al., (2022)	O trabalho do enfermeiro frente a violência doméstica contra as mulheres	Explorar mediante a literatura, as colaborações da equipe de enfermagem no que diz respeito ao assessoramento à mulher vítima de violências	Rev. Bras. Interdiscip. Saúde - ReBIS
7	Fortes et al., (2024)	Impactos na saúde mental das mulheres vítimas de violência domésticas	Determinar o impacto da violência doméstica na saúde mental das mulheres que enfrentam agressões em um ambiente específico	Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences
8	Oliveira et al., (2022)	Violência verbal, psicológica e assédio moral no trabalho contra os profissionais de enfermagem	Analisar a violência verbal, psicológica e assédio moral no trabalho sofridas pelos profissionais de enfermagem	Estudos Avançados sobre Saúde e Natureza
9	Tonel et al., (2022)	Violência psicológica no Brasil: análise temporal e de gênero na última década	Analisar a tendência temporal e as características dos casos notificados de violência psicológica no Brasil	Disciplinarum Scientia
10	Do Nascimento et al., (2024)	Violência domésticas e as implicações na saúde física e psicológica de mulheres	Explicar a maioria dos aspectos da violência doméstica	Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences
11	Magalhães et al., (2022)	“EMPODEREENF”: construção de aplicativo para educação permanente de enfermeiros sobre violência psicológica contra a mulher	Construir um protótipo de aplicativo móvel sobre violência psicológica contra a mulher para facilitar a educação permanente de enfermeiros	Rev. Bras. Enferm.
12	Delmoro & Vilela (2022)	Violência contra a mulher: um estudo reflexivo sobre as principais causas, repercussões e atuação da enfermagem	Discorrer sobre as principais causas, repercussões e atuação da Enfermagem diante das mulheres vítimas de violência	Rev. Enferm. Atual In Derme
13	Frazão et al., (2020)	Violência praticada por parceiros íntimos a mulheres com depressão	Identificar violência praticada por parceiro íntimo a mulheres com depressão	REME – Rev. Min. Enferm.
14	Lourenço & Costa (2020)	Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher	Realizar uma revisão sistemática da literatura para investigar o impacto e as consequências da violência doméstica entre parceiros íntimos para a saúde da mulher e, em especial, as consequências para a saúde mental das mulheres, além de averiguar o que tem sido publicado sobre o tema em questão	Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia
15	Freitas & Machado (2024)	A saúde mental de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo: uma revisão integrativa de literatura	Identificar a associação entre problemas de saúde mental e a violência contra a mulher por parceiro íntimo	Revista Foco

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

O abuso psicológico contra as mulheres é um problema complexo e de difícil identificação, que afeta profundamente a saúde mental e emocional das vítimas. Esse tipo de violência caracteriza-se por comportamentos que visam desestabilizar,

desvalorizar e intimidar, ocorrendo geralmente de forma contínua e silenciosa (Delmoro & Vilela, 2022). Muitas vezes, o abuso psicológico não deixa marcas físicas, mas seus efeitos podem ser igualmente devastadores, impactando a autoestima, a autoconfiança e a percepção de valor da mulher sobre si mesma (Kassinove & Follette, 2021).

Esse tipo de violência pode manifestar-se de várias formas, como humilhações, ameaças, isolamento social, controle excessivo e manipulação emocional. Essas práticas buscam desqualificar a vítima, fazendo-a duvidar de sua própria percepção e realidade, processo que se denomina “*gaslighting*”. Esse método de manipulação é extremamente prejudicial, pois mina a capacidade da mulher de reagir e buscar ajuda, criando uma dependência psicológica em relação ao agressor (Freitas et al., 2023).

Estudos indicam que o impacto do abuso psicológico na saúde mental das mulheres é profundo, gerando transtornos de ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e, em casos mais graves, pensamentos suicidas. O sofrimento emocional imposto por esse tipo de violência pode perdurar mesmo após o término da relação abusiva, prejudicando as relações futuras e a qualidade de vida da vítima. A violência psicológica, portanto, causa um trauma que, se não tratado adequadamente, compromete a saúde mental de forma prolongada (Jansen et al., 2023).

No abuso psicológico, as palavras têm uma função crucial, sendo comumente empregadas como instrumentos de manipulação, controle e constrangimento. Insultos, críticas contínuas, ameaças subentendidas e ironias são exemplos frequentes, com o objetivo de abalar a autoconfiança da vítima e provocar dependência emocional. Ademais, o abuso pode envolver expressões que sugerem culpa ou temor, como “Se eu te deixar, você vai se arrepender”, ou que alteram a visão da realidade, resultando em confusão e solidão (Figura 2). Essas táticas de linguagem fazem do abuso psicológico uma forma de violência tão destrutiva quanto as agressões físicas, pois deixam cicatrizes profundas na saúde mental (Moura et al., 2023).

Figura 2 – Palavras usadas no abuso psicológico.



Fonte: Moura et al. (2023).

O papel da sociedade e das políticas públicas na prevenção e combate ao abuso psicológico é fundamental. A criação de programas de conscientização e a promoção de campanhas educativas são medidas necessárias para informar a população sobre os sinais do abuso e sobre a importância de denunciá-lo (Frazão et al., 2020). Essas iniciativas ajudam a desmistificar a violência psicológica e a encorajar as mulheres a buscarem ajuda antes que o problema se intensifique (Silva & Andrade, 2023).

A iniciativa da pesquisa de Magalhães et al., (2022), pelo desenvolvimento de um protótipo baseado em objetivos de aprendizagem definidos a partir de uma revisão narrativa, que orientou uma revisão integrativa para a compilação das informações. O protótipo, denominado “EmpodereEnf”, projetado para enfermeiros e incluir uma tela inicial seguida por nove mobs que abordam temas gerais, como conceitos, causas, manifestações e consequências da violência psicológica;

estratégias para identificação e abordagem durante a consulta de enfermagem; educação em saúde; notificação compulsória e encaminhamentos; exemplos de casos práticos e referências. Baseado nisso, mostra-se como é importante as pesquisas voltadas para promoção de saúde e como a enfermagem tem um papel essencial nas detecções precoces dos tipos de violências.

Profissionais de saúde, especialmente os da enfermagem, também têm um papel crucial no enfrentamento do abuso psicológico contra mulheres. A enfermagem, com seu papel de acolhimento e atendimento humanizado, é muitas vezes o primeiro ponto de contato para essas mulheres. A formação e capacitação de enfermeiros para identificar sinais de abuso psicológico são essenciais para oferecer apoio adequado e encaminhar as vítimas para serviços especializados, como psicólogos e assistentes sociais (Carvalho et al., 2024).

Assim, como Lourenço & Costa (2020), no seu estudo sobre Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher destacam como é fundamental que os profissionais de saúde, estejam capacitados para acolher e oferecer atendimento eficaz às mulheres vítimas de violência, abordando os danos psicológicos causados. Esse suporte não apenas trata as consequências, mas também incentiva as mulheres a buscarem ajuda. Ressalta-se a importância de uma abordagem multidisciplinar, considerando os diversos sintomas e fatores envolvidos, como aspectos emocionais, econômicos, sociais e culturais.

Um desafio adicional no combate ao abuso psicológico é a própria invisibilidade desse tipo de violência. Muitas mulheres não reconhecem que estão sendo abusadas, pois a violência psicológica, ao contrário da física, não apresenta sinais evidentes. Isso torna a conscientização sobre o tema ainda mais importante, pois a educação é a chave para que as mulheres identifiquem comportamentos abusivos e entendam que merecem uma vida sem violência (Costa & Silva, 2024).

A Figura 3, a seguir, apresenta uma charge para enriquecer a discussão em relação ao que os autores e artigos selecionados apresentaram.

Figura 3 – Charge sobre violência psicológica nas mulheres pelo parceiro íntimo (PI).



Fonte: TJDF (2019).

Pode-se verificar na Figura 3 que o chargista apresenta uma face da violência psicológica contra uma mulher ao passo que o agressor representado com tamanho maior, trazendo a ideia de uma pessoa poderosa seja economicamente, politicamente ou socialmente e, que agride apresentando uma postura impositiva e ditatorial e caracterizando um abuso psicológico contra a vítima dos maus tratos. Além disso, o abuso psicológico pode estar presente em diferentes contextos, como relações familiares,

profissionais e sociais. Embora seja mais comum nas relações íntimas, ele pode ocorrer em qualquer ambiente onde haja relações de poder e controle. Essa diversidade de contextos aumenta a complexidade do problema e requer uma abordagem multifacetada para seu enfrentamento (Moura et al., 2023).

A dependência emocional é um fator que dificulta a saída das mulheres de relações abusivas. Em muitos casos, as vítimas são levadas a acreditar que não têm valor fora do relacionamento ou que não conseguiriam lidar com a vida sem o agressor (Freitas & Machado, 2024). Esse tipo de manipulação torna a mulher emocionalmente vulnerável e, muitas vezes, incapaz de tomar decisões que beneficiem sua própria saúde e segurança (Freitas et al., 2023).

A legislação também desempenha um papel importante na proteção das mulheres contra a violência psicológica. No Brasil, a Lei Maria da Penha prevê a violência psicológica como crime, oferecendo às vítimas a possibilidade de proteção judicial. No entanto, é necessário que as leis sejam amplamente divulgadas e aplicadas, garantindo que as mulheres tenham acesso aos seus direitos e saibam como denunciar o abuso (IBGE, 2022).

A presença de redes de apoio, como familiares, amigos e grupos de suporte, é essencial para a recuperação das mulheres que sofrem abuso psicológico. Essas redes proporcionam um ambiente seguro onde as vítimas podem compartilhar suas experiências e receber apoio emocional, o que é fundamental para a superação do trauma e para o desenvolvimento de uma nova autoestima (Pereira; Silva & Santos, 2023).

Outro aspecto relevante é a importância de políticas públicas que ampliem o acesso das vítimas a serviços de saúde mental. O suporte psicológico e psiquiátrico é indispensável para que as mulheres consigam lidar com os impactos do abuso e reconstruir sua vida. Além disso, os profissionais de saúde devem estar preparados para tratar essas pacientes com empatia e respeito, promovendo um ambiente que favoreça a cura emocional (Silva & Andrade, 2023).

Assim, o combate ao abuso psicológico exige uma mobilização coletiva. Não basta que apenas as vítimas tomem consciência do problema; toda a sociedade deve estar envolvida no enfrentamento da violência contra a mulher. A mudança cultural é fundamental para que o abuso psicológico deixe de ser tolerado e para que as mulheres possam viver de forma plena e digna, sem medo e sem violência (Kassinove & Follette, 2021).

O abuso psicológico é uma forma de violência que afeta significativamente a saúde mental das mulheres, desencadeando uma série de consequências que comprometem o bem-estar e a qualidade de vida. Essa violência, frequentemente invisível e de difícil denúncia, inclui comportamentos como manipulação, humilhação, controle e isolamento, que visam desestabilizar emocionalmente a vítima. Segundo Kassinove e Follette (2021), as consequências do abuso psicológico podem ser devastadoras, manifestando-se em sintomas como ansiedade, depressão, baixa autoestima e, em casos graves, pensamentos suicidas. A vulnerabilidade das mulheres a esse tipo de violência está enraizada em questões culturais e estruturais, que perpetuam desigualdades e naturalizam o abuso.

A pesquisa de Moura et al., (2023), revelam que o abuso psicológico contribui para a fragilização da saúde mental das mulheres, levando a um ciclo de sofrimento emocional que se intensifica ao longo do tempo. Esse processo é particularmente prejudicial, pois o abuso psicológico, ao contrário da violência física, não deixa marcas visíveis, o que dificulta o reconhecimento da violência pela própria vítima e pela sociedade (Jansen et al., 2023). A invisibilidade da violência psicológica é um fator que contribui para a sua perpetuação, tornando as mulheres mais suscetíveis a permanecer em relacionamentos abusivos e a desenvolver problemas de saúde mental.

A interseccionalidade entre o abuso psicológico e outras formas de violência também é um ponto relevante. De acordo com Silva et al. (2022), as mulheres negras, indígenas e de baixa renda são mais vulneráveis a essa violência devido ao racismo estrutural, ao patriarcado e à exclusão social. Essas mulheres enfrentam múltiplas formas de opressão, que agravam os impactos do abuso psicológico em suas vidas. Vergel Barrera e Martínez Muñoz (2021) destacam que as mulheres indígenas, por exemplo, enfrentam barreiras adicionais para denunciar a violência, devido a fatores como isolamento geográfico, falta de

políticas de proteção e desconhecimento de seus direitos.

A atuação dos profissionais de saúde, especialmente da enfermagem, é fundamental para o enfrentamento do abuso psicológico. Conforme Carvalho et al., (2024), os enfermeiros desempenham um papel crucial no atendimento inicial das vítimas de violência, oferecendo apoio emocional e orientação sobre os recursos disponíveis. No entanto, muitos profissionais ainda enfrentam dificuldades para identificar sinais de abuso psicológico, uma vez que não há marcas físicas evidentes. Essa dificuldade evidencia a necessidade de capacitação contínua, conforme defendido por Freitas et al., (2023), que apontam para a importância de protocolos específicos para o manejo da violência psicológica.

O impacto do abuso psicológico também se estende para o ambiente familiar e comunitário, gerando um ciclo de violência que afeta toda a estrutura social. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a violência psicológica é uma das formas de violência mais reportadas pelas mulheres no Brasil, indicando a gravidade e a prevalência desse problema. Esse dado ressalta a necessidade de políticas públicas mais eficazes para o combate à violência contra a mulher, incluindo ações de prevenção e campanhas de conscientização.

No contexto da violência obstétrica, o abuso psicológico assume formas específicas, que vão desde a negação de direitos até o tratamento desrespeitoso durante o parto. Silva et al. (2022) e Da Silva Pinheiro, Barbosa e Rodrigues (2023) discutem como essa forma de violência afeta negativamente a saúde mental das mulheres, levando a traumas e ao desenvolvimento de transtornos psicológicos. Esse tipo de violência é particularmente comum entre mulheres negras, que enfrentam o racismo estrutural e o patriarcado, como apontado por Silva et al. (2022), tornando-as mais vulneráveis a abusos e a tratamento desumanizado.

O papel da sociedade e das instituições na prevenção do abuso psicológico é crucial, segundo Delzio et al. (2022), a criação de espaços seguros para que as mulheres possam relatar o abuso e buscar ajuda é uma medida essencial. Esse suporte deve incluir assistência psicológica, jurídica e social, permitindo que as vítimas reconstruam suas vidas e recuperem sua saúde mental. A implementação de guias de manejo e atendimento às vítimas de violência, como o desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina, representa um avanço nesse sentido.

A falta de reconhecimento do abuso psicológico como uma forma legítima de violência ainda é um desafio. Costa & Silva (2024) observam que, embora existam políticas de enfrentamento à violência contra a mulher, muitas delas não consideram o abuso psicológico em sua totalidade, focando principalmente na violência física. Essa visão limitada compromete o apoio oferecido às vítimas, que muitas vezes não encontram o respaldo necessário para lidar com o trauma psicológico.

Outro aspecto importante é a capacitação dos profissionais de saúde para lidar com o abuso psicológico. Conforme apontado por Pereira, Silva e Santos (2023), a falta de treinamento específico limita a capacidade dos profissionais de identificar e intervir adequadamente nesses casos. É essencial que os profissionais estejam preparados para oferecer um atendimento empático e eficaz, ajudando as vítimas a compreender a violência sofrida e a buscar auxílio.

A violência psicológica não afeta apenas a saúde mental das mulheres, mas também interfere em sua capacidade de viver de forma plena e autônoma. O estudo de Palmeira (2023) evidencia que mulheres que sofrem abuso psicológico têm maior probabilidade de desenvolver transtornos de ansiedade e depressão, o que compromete seu desempenho no trabalho e em outras esferas da vida. Essa situação reforça a importância de abordagens multidisciplinares, que integrem saúde, assistência social e justiça.

A violência psicológica também é uma questão de direitos humanos, como enfatizam Silva e Andrade (2023), é responsabilidade do Estado e da sociedade proteger as mulheres de todas as formas de violência, incluindo o abuso psicológico, que é uma violação dos direitos fundamentais à segurança e ao bem-estar. Essa proteção deve incluir a implementação de políticas que garantam o acesso a serviços de apoio e que promovam a autonomia das mulheres.

Além do apoio institucional, é necessário que a sociedade como um todo desenvolva uma maior compreensão sobre o

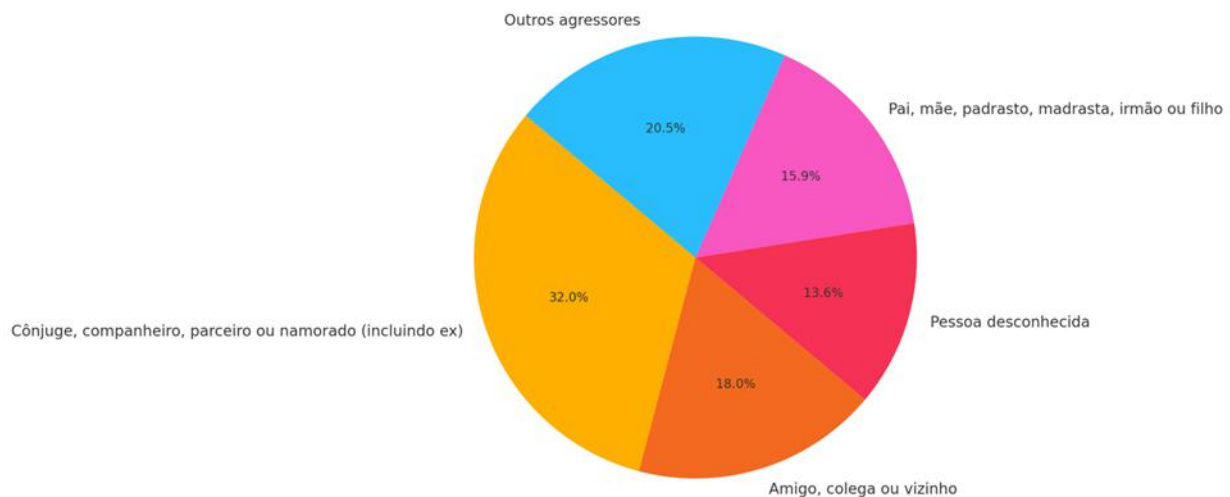
abuso psicológico e seus impactos. Jansen et al., (2023), afirmam que a sensibilização da população é uma estratégia eficaz para prevenir a violência, uma vez que a educação sobre o tema pode ajudar a desnaturalizar comportamentos abusivos e a valorizar o respeito e a dignidade nas relações.

A promoção da autonomia e do empoderamento das mulheres é uma estratégia fundamental para reduzir a vulnerabilidade ao abuso psicológico. Programas de educação e capacitação profissional, conforme discutido por Longuini e Evangelista (2024), são ferramentas eficazes para oferecer às mulheres recursos e oportunidades, fortalecendo sua independência financeira e emocional.

Finalmente, é importante reconhecer que o abuso psicológico é um problema complexo, que requer uma abordagem abrangente e colaborativa. Como concluem Kassinove e Follette (2021), o enfrentamento desse tipo de violência deve envolver a criação de políticas públicas integradas, que considerem as especificidades de cada contexto e que promovam o fortalecimento das mulheres. Somente com uma abordagem inclusiva e sensível às necessidades das vítimas será possível reduzir o impacto do abuso psicológico na saúde mental das mulheres, promovendo um ambiente mais seguro e respeitoso para todas.

No Brasil, a distribuição do abuso psicológico contra mulheres varia conforme o tipo de agressor, refletindo padrões sociais e culturais que perpetuam a violência de gênero. Dados indicam que a maioria dos casos ocorre em relações íntimas, sendo parceiros ou ex-parceiros os principais perpetradores. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em mais de 70% das situações de violência psicológica relatadas, o agressor é o cônjuge, companheiro ou namorado, evidenciando o controle e a manipulação no contexto de relações afetivas (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Distribuição do abuso psicológico e mulheres por tipo de agressor (Brasil).



Fonte: Cerqueira & Bueno (2024), adaptado informações pelos autores da pesquisa.

Outros agressores incluem familiares próximos, como pais, irmãos e tios, que frequentemente utilizam palavras e comportamentos coercitivos para impor obediência ou desqualificar a mulher dentro do núcleo familiar. Além disso, situações de abuso psicológico no ambiente de trabalho, perpetradas por chefes ou colegas, e em espaços públicos, por desconhecidos, também são relatadas, embora em menor proporção (Gráfico 1). Essa distribuição reflete a necessidade de intervenções específicas em diversos contextos sociais, com destaque para ações de conscientização e suporte às mulheres em ambientes íntimos, onde a violência costuma ser mais invisibilizada e normalizada.

4. Considerações Finais

O papel da enfermagem na luta contra a violência psicológica na vida das mulheres é fundamental, pois profissionais de enfermagem são frequentemente os primeiros a entrar em contato com as vítimas desse tipo de agressão. Dado que a violência psicológica tende a ser silenciosa e subjetiva, é essencial que enfermeiros e enfermeiras estejam atentos aos sinais muitas vezes sutis que indicam sofrimento emocional.

Assim, a identificação precoce desses sinais permite a implementação de ações preventivas e a orientação para que a mulher compreenda a situação vivenciada, podendo, assim, buscar ajuda especializada. Esse processo é uma etapa inicial e importante para a recuperação e fortalecimento emocional das mulheres. Além de atuar na identificação, os profissionais de enfermagem desempenham um papel vital no acolhimento dessas mulheres. O acolhimento humanizado e empático é um diferencial da enfermagem, que contribui significativamente para que as vítimas se sintam compreendidas e amparadas em suas necessidades.

Em situações de violência psicológica, é comum que as vítimas relutem em relatar o que estão passando devido a sentimentos de culpa ou vergonha. Nesse contexto, o enfermeiro pode oferecer um ambiente seguro e confidencial, onde as mulheres possam expressar seus sentimentos e medos sem julgamentos, incentivando a verbalização e desmistificação do problema. Com isso, a educação em saúde é outra função essencial desempenhada pela enfermagem no combate à violência psicológica. Por meio de orientações e campanhas, enfermeiros podem educar tanto as vítimas quanto a comunidade em geral sobre o que é violência psicológica, suas consequências e os direitos das mulheres.

Por fim, o papel da enfermagem contra a violência psicológica vai além do atendimento direto às vítimas. A enfermagem também tem um papel político e social importante, ao participar de debates e políticas públicas voltadas para a proteção da mulher. Profissionais de enfermagem podem atuar como vozes ativas na defesa dos direitos das mulheres, contribuindo para mudanças estruturais e legislações mais protetivas. Dessa forma, a enfermagem se consolida não apenas como uma profissão de cuidado, mas como uma força ativa na construção de uma sociedade mais justa, segura e acolhedora para as mulheres que sofrem com a violência psicológica.

Dado o impacto significativo da violência psicológica na saúde mental e emocional das mulheres, recomenda-se que futuras pesquisas se concentrem na avaliação de intervenções específicas realizadas por enfermeiros, buscando identificar estratégias mais eficazes para prevenir e mitigar os efeitos dessa forma de violência. Estudos longitudinais são essenciais para compreender os efeitos de longo prazo das abordagens de enfermagem e como elas podem contribuir para a recuperação emocional das vítimas. Além disso, a aplicação de metodologias participativas, onde as mulheres possam colaborar diretamente no desenvolvimento de programas de suporte, pode revelar insights únicos sobre suas necessidades e desafios.

Outra linha promissora de investigação seria a integração de tecnologias, como aplicativos móveis educacionais para capacitação de profissionais de saúde, ampliando o acesso a ferramentas de diagnóstico e suporte. Por fim, pesquisas que explorem o impacto de políticas públicas voltadas para a proteção contra a violência psicológica, especialmente aquelas que incluem a capacitação de equipes multidisciplinares, podem fornecer dados valiosos para a formulação de diretrizes mais efetivas e inclusivas. Essas iniciativas não apenas aprofundariam o conhecimento acadêmico sobre o tema, mas também reforçariam a relevância do papel da enfermagem como força motriz na construção de uma sociedade mais justa e acolhedora.

Referências

- Cerqueira, D. & Bueno, S. (2024). *Atlas da violência 2024: retrato dos municípios brasileiros*. Coordenadores: Daniel Cerqueira; Samira Bueno – Brasília: Ipea; FBSP.
- Carvalho, A. S.; Silva, T. M. & Freitas, L. C. (2024). *A prática da enfermagem frente à violência psicológica: Desafios e oportunidades*. *Journal of Nursing Science*, 8(2), 145-58.
- Costa, A. P. & Silva, R. B. (2024). *Enfermagem e violência psicológica: Uma revisão crítica*. *Brazilian Journal of Nursing*, 12(1), 23-34.

- Crossetti, M. G. M. (2012). *Revisión integradora de la investigación en enfermería el rigor científico que se le exige*. *Rev. Gaúcha Enferm.*33(2), 8-9.
- Da Silva Pinheiro, P. J.; Barbosa, G. C.; & Rodrigues, M. D. (2023). *Reflexos da Violência Obstétrica na saúde mental das mulheres uma Revisão Integrativa da literatura*. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*. 5(5), 1920-42.
- Delziovo, C. R. et al. (2022). *Guia para o manejo de situações de violência doméstica contra a mulher na APS*. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis.
- Delmoro, I. C. L. & Vilela, S. C. (2022). *Violência contra a mulher: um estudo reflexivo sobre as principais causas, repercussões e atuação da enfermagem*. *Revista Enfermagem Atual In Derme*. 96(38), 1-10. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1378626>.
- Do Nascimento, M. E. B., de Melo, A. B. O., de Oliveira, F. A. C., de Oliveira, W. A. C., da Rosa, V. H. J., Ferreira, I. R., ... & de Oliveira, F. A. C. (2024). *Violência domésticas e as implicações na saúde física e psicológica de mulheres*. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 6(3), 1402-1411.
- Ercole, F. F.; Melo, L.S.; & Alcoforado, C. L. G. C. (2014). *Revisão integrativa versus revisão sistemática*. *Revista Mineira de Enfermagem*.18(1), 9-12.
- Fortes, R. de O. T., Nascimento, M. E. B. do, Alves, T. de O., Melo, A. B. O. de, Aguiar, W. A. C. de, Rosa, V. H. J. da; Oliveira, F. A. C. de, Araújo, M. M. M. de, Nascimento, M. K. dos S., & Viana, M. C. dos S. (2024). *Impactos na saúde mental das mulheres vítimas de violência domésticas*. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 6(3), 933-42. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n3p933-942>
- Frazão, M. C. L. O., Viana, L. R. C., Pimenta, C. J. L., Silva, C. R. R., Bezerra, T. A., Ferreira, G. R. S., Costa, T. F., & Costa, K. N. F. M. (2020). *Violência praticada por parceiros íntimos a mulheres com depressão*. *REME - Rev Min Enferm*. 24, e-1324. DOI: 10.5935/1415-2762.20200061
- Freitas, A. R., Pereira, M. L. & Andrade, J. F. (2023). *Capacitação de enfermeiros no manejo da violência psicológica*. *Nursing Practice Today*. 14(3), 87-99.
- Freitas, N. R., & Machado, D. F. (2024). *A saúde mental de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo: uma revisão integrativa de literatura*. *Revista foco*, 17(2), e4237-e4237.
- IBGE. (2022). *Pesquisa Nacional de Saúde: Condições de vida e violência contra mulheres*. Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística – IBGE.
- Jansen, H.; Costa, M.; & Oliveira, P. (2023). *Impacto da violência psicológica na saúde mental das mulheres*. *Journal of Mental Health Studies*. 15(4), 201-15.
- Kassinove, H.; & Follette, V. (2021). *Psychological abuse and its consequences: A review*. *Behavioral Science & Law*. 39(2), 95-111.
- Longuini, R. C. F.; & Evangelista, S. M. (2024). *A violência sexual contra crianças e adolescentes: aspectos da região norte do Brasil*. *Revista Jurídica da Escola do Poder Judiciário do Acre*. 1(1), 81-107.
- Lourenço, L. M., & Costa, D. P. (2020). *Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher*. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(1), 1-18.
- Magalhães, B. C.; Silva, M. M. O.; Silva, C. F.; Alcântara, P. P. T.; Oliveira, C. A. N.; Araújo, M. M.; et al. (2022). *“EMPODEREENF”: construction of an application for nurses’ continuing education on psychological violence against women*. *Rev Bras Enferm*.75(5), e20200391. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0391pt>
- Mendes, K. D. S.; Silveira, R. C. C. P.; & Galvão, C. M. (2008). *Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem*. *Texto & contexto-enfermagem*.17, 758-64.
- Moura, D. A.; Souza, P. F. & Ribeiro, C. G. (2023). *Impacto da violência psicológica na saúde mental das mulheres*. *Journal of Mental Health Studies*. 15(4), 201-15.
- Oliveira, C., Porto, G. G., dos Santos, S. P., da Rocha, R. M. B., de Souza, L. F., Brito, A. M., ... & Magalhães, W. A. C. (2022). *Violência Verbal, Psicológica E Assédio Moral No Trabalho Contra Os Profissionais De Enfermagem*. *Estudos Avançados sobre Saúde e Natureza*, 11. <https://www.periodicojcs.com.br/index.php/easn/article/view/1059>.
- Oliveira, F. T. L.; Gomes, S. C. S.; Sousa, V. S. & Aoyama, E. A. (2022). *O trabalho do enfermeiro frente a violência doméstica contra as mulheres*. *Rev Bras Interdiscip Saúde - ReBIS*. 4(4), 63-72.
- Page, M. J.; et al. (2021). *The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews*. *International Journal of Surgery*. 88, 105906.
- Palmeira, M. B. P. M. (2023). *Violência contra a mulher em Pernambuco: uma abordagem epidemiológica com análise de clusterização*. *Trabalho de Conclusão de Curso*.
- Pereira, F. M.; Silva, L. V.; & Santos, E. A. (2023). *Protocolos de atuação dos enfermeiros no enfrentamento da violência psicológica*. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 76(5), 1123-35.
- Pereira A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [free e-book]. Santa Maria/RS. Ed. UAB/NTE/UFSM.
- Persilva, M. A. D. O., Rodrigues, I., Izabel, N., & Daniele, S. (2023). *O papel da enfermagem perante a violência psicológica contra a mulher*. *Revista de trabalhos acadêmicos-universo Belo Horizonte*, 1(8). <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=3universobelo Horizonte3&page=article&op=view&path%5B%5D=11336> .
- Rethlefsen, M. L. & Page, M. J. (2022). *PRISMA 2020 and PRISMA-S: common questions on tracking records and the flow diagram*. *Journal of the Medical Library Association: JMLA*. 110 (2), 253.

Silva, C. R. & Andrade, M. L. (2023). *Enfermagem e direitos humanos: O papel da profissão na luta contra a violência*. Health and Human Rights Journal. 17, (2), 56-69.

Silva, J. M. et al. (2022). *Violência obstétrica: racismo estrutural e patriarcalismo como fatores que invisibilizam o sofrimento de mulheres negras: Obstetric violence: structural racism and patriarchy as factors that make the suffering of black women invisible*. Brazilian Journal of Health Review, 5(4), 13313-13333.

Vergel Barrera, M. D. & Martínez Muñoz, L. X. (2021). *Mujer indígena, desigualdad social y quebrantamiento de sus derechos*. Novum Jus. 15(1), 251-75.

Xavier, A. A. P. & Silva, E. G. (2019). *Assistência de enfermagem no atendimento de mulheres em situação de violência na atenção básica*. Rev Inic Cient Ext. 2 (Esp.2), 293-300.